

Forma, função e significado do texto na experiência digital¹

Carmem Prata²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O objetivo deste artigo é tomar o texto na experiência do livro digital como um lugar de problema. Nesse sentido, observa-se a noção estendida de texto apresentada pelo pesquisador D.F. McKenzie, refletindo sobre as textualidades sob uma perspectiva pragmática, mas também como lugar de investigação de processos comunicacionais, criados a partir de uma determinada experiência de produção editorial digital. Pretende ainda pensar a construção das narrativas midiáticas marcadas pela competição entre os diversos recursos midiáticos, apresentando um estudo de caso comparativo entre o livro impresso e o livro digital.

Palavras-chave: 1. livro digital; 2. texto midiático; 3. produção editorial digital.

Introdução

O desenvolvimento das tecnologias digitais abre um leque de questões para o entendimento das formas de comunicação e das produções culturais na atualidade. Com a produção, o armazenamento, a distribuição e o consumo realizados cada vez mais em ambientes digitais, mudanças importantes são percebidas na práxis da comunicação e da cultura.

Estreitando o olhar para as formas de comunicação impressa, observamos que a escrita representou um salto no desenvolvimento das sociedades. Se comparada à tradição oral, permitiu a fixação e a difusão do conhecimento em qualquer tempo e lugar, por meio de uma sistematização do pensamento. Pesquisadores apontam a invenção da escrita como um dos avanços tecnológicos mais importantes para organização social, (GOODY, 1987; HAVERLOCK, 1996), abrindo caminhos para o surgimento de uma tradição letrada e do livro como fonte de transmissão do conhecimento.

O aperfeiçoamento da prensa e a tipografia permitiram a reprodução de um número maior de textos, em menor tempo e custo, o que caracterizou a expansão da escrita a partir do século XV. Alguns estudiosos consideram que, embora os livros impressos circulem

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: cprata6@gmail.com.

mais entre os mais privilegiados socialmente, ainda assim, circulam bem mais do que os códices, de forma que: “a invenção da tipografia representa sem sombra de dúvida uma verdadeira revolução democrática.” (CARRIÈRE e ECO, 2009, p. 106).

Recorremos, então, a uma simplificação sobre as mudanças percebidas nas formas da comunicação escrita, que oferece uma noção do ritmo sucessivo das inovações. Dispostas cronologicamente, dessa forma: “da escrita ao códice foram 4300 anos; do códice aos tipos móveis, 1150 anos; dos tipos móveis à internet, 524 anos; da internet aos buscadores, 17 anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos” (DARTON, 2010, p.41).

Uma sociologia do texto para atender aos usos da escrita

O texto passou por processos históricos de transformação em sua forma e conteúdo, tornando complexa a análise, a descrição ou a forma de referenciar a informação. Hoje, a informação assume diferentes formas, em especial nos documentos culturais, cuja informação pode estar inscrita por textos, sons, imagens estáticas ou em movimento.

Para abrigar essas alterações na escrita, relacionadas às mudanças tecnológicas e sociais, que estão redefinindo, entre outros, o fazer bibliográfico tradicional, o bibliógrafo e crítico textual Donald F. McKenzie realiza uma extensa pesquisa interdisciplinar, compostas, ao mesmo tempo, por estudos constituintes da história cultural, da história da tecnologia ou, talvez, da ciência da informação.

McKenzie passa a descrever a “moderna bibliografia” como a disciplina que estuda o texto, nas formas como ele está inscrito; os processos de sua produção, transmissão e recepção. A prática de uma “sociologia dos textos”, segundo o autor, tem como objetivo não só a descrição técnica, mas também o estudo das condições de produção editorial.

Na tentativa de recuperar as maneiras pelas quais os textos e seus significados foram produzidos, o pesquisador investiga o circuito do livro de um determinado contexto histórico, considerando uma diversidade de princípios bibliográficos, vistos como relevantes, para, em seguida, aplicá-los em um número grande de autores, épocas, gêneros e meios de comunicação, em circunstâncias diferentes de impressão, publicação, leitura, audição ou visualização.

Esses aspectos estão no centro do que veio a ser conhecido como *histoire du livre*, metodologia de investigação relevante para as análises das produções editoriais, que considera o estudo das motivações sociais, econômicas e políticas para uma publicação, ou

seja, as razões pelas quais os textos foram escritos e lidos, por que eles foram reescritos, redesenhados ou descontinuados.

Sobre este autor, o historiador Roger Chartier afirmou:

Utilizador especialista de técnicas eruditas da “nova bibliografia”, ele nos ensinou a ultrapassar seus limites mostrando que o sentido de todo texto, qualquer que seja, canônico ou sem qualidades, depende das formas que o dão a ler, dos dispositivos próprios à materialidade do escrito. Assim, por exemplo, para os objetos impressos, **o formato do livro, a construção da página, a edição do texto, a presença ou não de imagens, as convenções tipográficas e a pontuação.** Fundando a “sociologia dos textos” sobre o estudo de suas formas materiais, Donald McKenzie não se distanciava das significações intelectuais e estéticas das obras. Muito pelo contrário. E é na perspectiva que ele abriu que eu situaria um ensino que pretende jamais separar a compreensão histórica dos escritos da descrição morfológica dos objetos que os portam (GONÇALVES, 2013, *apud* CHARTIER, 2008, p. 16-17, grifo nosso).

A contribuição maior do estudo de McKenzie, apropriada para referenciar o desenvolvimento inicial da pesquisa que se pretende realizar, refere-se ao resgate da palavra "texto", em sua etimologia. Derivada do latim *texere*, 'tecer', o significado dessa palavra em sua origem não está restrito a um tipo específico de objeto, forma ou substância.

O seu sentido é aquele que define o processo de composição, tessitura ou organização que pode ser aplicado ao entrelaçamento de fios, à textura de um objeto ou à trama das informações inscritas, por exemplo, nos meios digitais. Assim, para o pesquisador, a palavra texto é definida como toda:

(...) expressão verbal, visual, oral e numérica de dados; na forma de mapas, gravuras, música, arquivos de som, filmes, vídeos e qualquer informação armazenada em computador, tudo na verdade, de uma epígrafe às modernas formas de discografias. Não há como fugir ao desafio que essas novas formas têm criado. (McKENZIE, 2004, p. 13. Tradução nossa.)

Dessa forma, a ideia de que os textos são registros inscritos em pergaminho, papel, tinta ou *bytes*³, deriva do sentido metafórico que a escrita tem, de ser uma composição de palavras, uma organização de ideias. Existem muitas construções para as quais essa metáfora é bastante adequada. Os livros digitais são esse tipo de construção, que utiliza formas textuais que informam e divertem, onde se pode verificar o entrelaçamento de informações, na forma oral, escrita, impressa.

³ Menor unidade de armazenamento utilizada para representar dados digitalizados, que pode ser um indicativo do tamanho da publicação.

Textualidades midiáticas, hipertextos e hibridismos

Do texto às textualidades midiáticas, as formas integradas de veiculação da informação constituem microssistemas de comunicação interdependentes e fazem parte de uma estrutura tão complexa de relações que essa análise não é tarefa fácil.

Podemos estipular que a comunicação digital pauta-se em uma tripla integração ou convergência. [...] A primeira é a da convergência de formatos e linguagens. [...] A segunda convergência é a da compatibilização entre os suportes materiais. [...] O terceiro processo de convergência é o social. Devido à maior facilidade de criação, manuseio e intercâmbio de conteúdos, as mídias digitais possibilitam uma participação mais ativa do usuário. (REGIS, 2014).

Consideramos que vários estilos podem ser identificados a partir dos sinais tipográficos, assim como os usos verbais são relevantes para as decisões editoriais, a maneira pela qual um texto é reproduzido e, ainda, que a leitura desses sinais bibliográficos pode influenciar a escolha do leitor e a sua opinião sobre a obra de um autor.

A análise das textualidades abrange um circuito que parte da defesa do sentido autoral, considerando que de certa forma ele é apreendido, para o reconhecimento de que, para melhor ou para pior, os leitores inevitavelmente fazem suas leituras e interpretações. Em outras palavras, cada leitura é única e peculiar para cada ocasião e pode ser parcialmente recuperada das formas físicas do texto.

O que os escritores pensavam quando escreviam ou quais as intenções dos editores ao publicarem um determinado livro, ou que sentido a leitura deste texto faz para os leitores, são questões diante das quais os pesquisadores da história do livro estão debruçados. Observa-se, ainda, que a construção da narrativa midiática é um processo marcado pela competição entre os diversos meios e produtos midiáticos, que buscam a sua legitimação (PRIMO, 2013). Todas essas questões tornam o texto um lugar de problema.

Discutir a noção de texto, sob uma perspectiva pragmática, como uma composição dialógica e, portanto, comunicacional; refletir sobre as textualidades como lugar de investigação de processos comunicacionais criados a partir de uma determinada produção editorial digital são os objetivos do estudo pretendido.

Relato sobre a experiência de produção da Coleção Ditadura

Nesta abordagem inicial, apresentamos um levantamento quantitativo da aplicação dos recursos digitais, que se realiza na “Coleção Ditadura”, publicada pela editora Intrínseca no ano de 2014, ocasião em que o golpe civil-militar completaria 50 anos. O

objetivo aqui é ressaltar uma experiência de produção editorial do livro digital, na sua forma característica, ou seja, com os atributos do texto digital que ela comporta.

Em um estudo de caso comparativo, entre o impresso e o digital, proposto como pesquisa de mestrado, serão abarcados os quatro volumes da coleção, nas edições impressas e nas versões digitais, em uma análise mais aprofundada e de sentido qualitativo sobre as formas de apresentação do texto.

A preparação das edições digitais da Coleção Ditadura levou cerca de seis meses. A primeira questão que surge é sobre o tempo que demanda essa produção; “Não foi apenas de um e-book, mas 20 e-books. A gente acabou fazendo 20 ‘Elios’. Cinco versões para cada um dos quatro volumes⁴” da coleção, segundo informou Cindy Leopoldo, responsável pelas edições digitais.

Explica-se que, a partir de formatos “padrões”, foram desenvolvidos cinco versões de cada volume, para atender leitores usuários de diferentes suportes eletrônicos de leitura (*tablets*, *smartphones*, computadores pessoais e leitores digitais), de forma a oferecer uma experiência de leitura adequada a cada suporte.

A coleção é composta por quatro títulos. Então, para fazer a versão comum já seriam **oito** diferentes arquivos: quatro no formato padrão, aceito pela maioria das distribuidoras e varejistas online (e-Pub2) e quatro no formato específico da Amazon (Mobi). Em um dado momento, uma pesquisadora foi contratada para pensar a inserção dos áudios, vídeos e documentos na obra digital.

Foi quando a produção entendeu que seriam pelo menos quatro versões digitais para cada título: além das duas já citadas, mais duas que suportassem os arquivos de áudio e vídeo (e-Pub3 e KEAV), formatos hoje utilizados nas lojas da Apple e da Amazon, respectivamente. Dessa forma, mais oito edições digitais foram necessárias.

Entretanto, ao fim do projeto, percebeu-se que seria necessária outra versão do e-Pub2, pois as imagens não se comportavam do modo adequado em todas as plataformas e suportes de leitura. Então, foi feita uma versão exclusiva para um dos aplicativos de leitura, ou plataforma de distribuição de e-books.

“O e-pub tem várias especificações e as plataformas têm capacidades limitadas para atender todas elas. Por exemplo, na Kobo eu posso fazer uma coisa, que eu não posso fazer na Amazon, já aquilo que eu faço na Amazon, não faço na Apple. Você é obrigado a adaptar”, enfatizou Maria Fátima Fernandes, designer da equipe.

⁴ Os depoimentos referenciados neste relato foram obtidos pela autora em entrevista realizada no dia 1º outubro de 2014, com a equipe responsável pela produção dos e-books: Cindy Leopoldo, Josué de Oliveira e Maria de Fátima Fernandes.

Já Josué de Oliveira, que integra a equipe da editora Intrínseca, lidando diretamente com a produção dos mesmos, “da conversão à finalização”, ressaltou a aquisição de conhecimento que a experiência permitiu: “Boa parte desse tempo envolveu testes, para saber que tipo de adaptação seria necessária para cada loja. Isso levou muito tempo, mas também a gente ganhou muito conhecendo como cada uma funciona”.

À primeira vista, pode parecer que a grande dificuldade seria a inserção dos arquivos de áudio e vídeo, mas boa parte das complicações girou em torno da quantidade de imagens (sejam elas fotografias históricas ou *fac.símiles* de documentos) para cada e-book, segundo a equipe. Ou seja, como inserir todas elas sem fazer o leitor se perder na leitura? E também, como fazer esses e-books leves, com tantas imagens, de modo que os leitores não demorassem muito para carregar os arquivos em seus suportes?

Para a primeira pergunta, veio a ideia dos links, inseridos em “modal”, um jargão para definir janelas no interior das páginas digitais. Diferentes das janelas ou “pop-ups” mais comuns no início da web, elas só aparecem sobre o texto, se acionadas pelo leitor. Assim foi definido o desenho básico de toda coleção: links no meio do texto que direcionam o leitor para o documento específico, como nos *prints* a seguir, sem que o leitor saia da página em que eles estão inseridos.

Elio Gaspari

WRIGHT, Thomas C. *Latin America in the era of the Cuban Revolution*. Nova York/Londres: Praeger, 1991.

INTERNET*

Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos —
<<http://www.cebela.org.br>>

O Rio de Janeiro através dos jornais — 1888-1969, de João Marcos Weguelin — <<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/index.htm>>

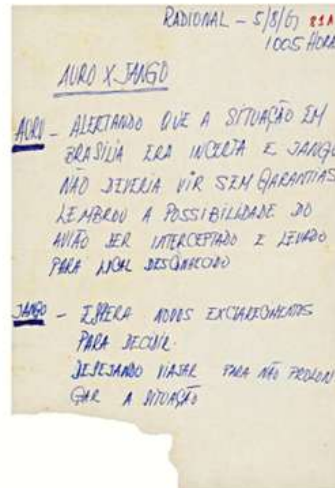
CIA — <<http://www.foia.ucia.gov>>

A verdade sufocada, A greve na Cobrasma — <<http://www.a-verdadesufocada.com/index.php/comisso-da-verdade-especial-107/6032-2410-contribuindo-com-a-comisso-da-verdade-viii>>

Centro de Documentação Eremias Delizoicov —
<<http://www.desaparecidospoliticos.org.br>>

A ditadura envergonhada – Edição com áudios e vídeos

Tópicos do que deve ter sido um telefonema entre João Goulart e Auro
Moura Andrade



RADICAL - 5/8/67 8:11
10:05 HORAS

AURO X JANGO

AURO - ALERTADO QUE A SITUAÇÃO EM
BRASIL ERA INCERTA E JANGO
NÃO QUERIA VIR SEM GARANTIAS.
LEMBRO A POSSIBILIDADE DO
AVIÃO SER INTERCEPTADO E LEVADO
PARA ALGUM DESBARCO

JANGO - QUERIA ADOIS EXCITAMENTOS
PARA RECUE.
DESEJANDO VIAJAR PARA NÃO PRODUI-
GAR A SITUAÇÃO

[Voltar] | [Transcrição]

Elio Gaspari

WRIGHT, Thomas C. *Latin America in the era of the Cuban Revolution*. Nova York/Londres: Praeger, 1991.

INTERNET*

Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos — <<http://www.cebela.org.br>>

O Rio de Janeiro através dos jornais — 1888-1969, de João Marcos Weguelin — <<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/index.htm>>

CIA — <<http://www.foia.ucia.gov>>

A verdade sufocada, A greve na Cobrasma — <<http://www.a-verdadesufocada.com/index.php/comisso-da-verdade-especial-107/6032-2410-contribuindo-com-a-comisso-da-verdade-viii>>

Centro de Documentação Eremias Delizoicov — <<http://www.desaparecidospoliticos.org.br>>

A ditadura envergonhada – Edição com áudios e vídeos

Tópicos do que deve ter sido um telefonema entre João Goulart e Auro
Moura Andrade

RADIONAL – 5/8/61*

[Transcrição]

RADIONAL – 5/8/61*

1005 HORAS

AURO X JANGO

AURO – ALERTANDO QUE A SITUAÇÃO EM BRASÍLIA ERA INCERTA E JANGO NÃO DEVERIA VIR SEM GARANTIAS, LEMBROU A POSSIBILIDADE DO AVIÃO SER INTERCEPTADO E LEVADO PARA LOCAL DESCONHECIDO

JANGO – ESPERA NOVOS ESCLARECIMENTOS PARA DECIDIR.

[Voltar] | [Transcrição]

708 de 864
709 de 864

Não há nada de tecnicamente complicado nessa solução, são utilizados hiperlinks e tecnologia aplicada⁵ com vistas ao uso dos objetos digitais. Entretanto, é mais raro ver um e-book com notas nesse formato, do que com os hiperlinks, que estão em todos os e-books produzidos (na grande maioria em e-Pub2), mesmo que apenas nos sumários. De modo, que foi um trabalho que exigiu técnica, mas também criatividade, para tirar proveito de uma obra que parece ter sido feita na medida certa para o formato digital.

⁵ A sigla HTML deriva da expressão *Hyper Text Markup Language*, uma linguagem utilizada para produção de páginas na web. A versão de número cinco, desenvolvida pelo consórcio W³, engloba as tecnologias CSS3 e JavaScript, que dinamizam as páginas, contemplando objetos multimídia (áudio, vídeo e animação), além da adaptação do conteúdo aos vários formatos de tela.

Um estudo quantitativo – comparando impresso e edições digitais

Tabela 1 - O conteúdo referente às edições impressas e digitais

	Impressos	e-books em e-Pub2	e-books enriquecidos
Livro 1	464 páginas	+ 140 páginas de documentos	+ 12 áudios e 6 vídeos
Livro 2	560 páginas	+ 157 páginas de documentos	+ 6 áudios, 6 vídeos, 1 mapa interativo
Livro 3	580 páginas	+ 129 páginas de documentos	+ 8 áudios e 6 vídeos
Livro 4	560 páginas	+ 307 páginas de documentos	+ 11 áudios e 6 vídeos

Fonte: Editora Intrínseca

Tabela 2 - Uma comparação a partir das plataformas de distribuição

E-books enriquecidos						
Lojas	Características					Linguagem
	Abertura de nota	Foto	Documento	Vídeo	Áudio	
Apple	Pop up	Sim	Sim	Sim	Sim	EPUB 3
Amazon	Outra página	Sim	Sim	Sim em IOS	Sim em IOS	KEAV
Amazon	Outra página	Sim	Sim	Não	Não	MOBI
Apple/Google/Saraiva/Cultura	Outra página	Sim	Sim	Não	Não	EPUB2

Fonte: Editora Intrínseca

Breves considerações

Questionamos se essa avaliação quantitativa é uma métrica adequada para análise. De fato, o objetivo final da pesquisa é apresentar uma análise qualitativa, através da observação dos objetos digitais encontrados e do modo como eles estão inseridos, considerando os espaços dedicados ao texto oral, escrito e audiovisual, para fins de registro de uma experiência do texto digital.

Entretanto, ainda estamos tateando entre o impresso e o digital, mas a percepção de que a comunicação digital já perpassa grande parte da atividade humana, estimula a realização de pesquisas interdisciplinares, que tornam essa tarefa ainda mais complexa.

Ao final, ressaltamos a extensão do tema, que dá margens a outras abordagens que articulam os suportes de texto às atividades cognitivas por eles favorecidas, e que poderiam servir a uma nova reflexão, mas esta é outra discussão.

Referências bibliográficas

CARRIÈRE, Jean-Claude e ECO, Umberto. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro, do leitor ao navegador. São Paulo: Editora Unesp e Imprensa Oficial, 2009.

DARTON, Robert. A questão do livro – passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONÇALVES, Marcio. D. F. McKenzie e a Pesquisa em Comunicação no Brasil. In: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM, set./2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1050-1.pdf>. Acesso em 8 de março de 2015.

GOODY, Jack; WATT, Ian. As consequências do letramento. São Paulo: Paulistana, 2006.

HAVELOCK, Erica. Prefácio a Platão. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

PRIMO, Alex (Org.). Interações em rede. Porto Alegre. Editora Sulina, 2013.

REGIS, Fátima. “Textos, texturas e intertextos: apontamentos sobre aprendizado e competência na comunicação digital”. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cibercultura do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014. Disponível em <http://compos.org.br/encontro2014/anais>.